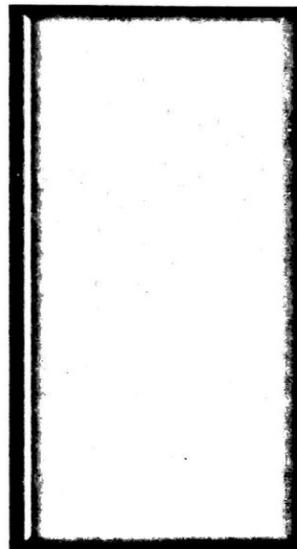


Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo ()*

Anchieta, o épico(**)

(*) Professora na Universidade de Sorocaba - UNISO. Doutora pela Universidade de São Paulo - USP

(**) Comunicação apresentada no Congresso “Anchieta em Coimbra - 450 anos”, promovido em outubro de 1998, em Coimbra - Portugal, pelos Institutos de Estudos Clássicos e de Estudos Brasileiros e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pelo que será igualmente publicado nas respectivas atas.



RESUMO

O texto procura analisar o poema épico *De Gestis Mendi de Saa Praesidis in Brasillia* (*Feitos de Mem de Sá Governador do Brasil*), de autoria do Padre Anchieta, não só sob o ponto de vista literário, mas ressaltando suas qualidades humanísticas, seu conteúdo catequético, o profundo conhecimento da paisagem brasileira, bem como dos usos e costumes dos indígenas.

ABSTRACT

The text tries to analyze the epic poem De Gestis Mendi de Saa Praesidis in Brasillia ("Deeds of Mem de Sá, Governor of Brazil") by Father Anchieta, not only under a literary viewpoint, but also emphasizing its humanistic qualities, its Christianizing content, the deep knowledge of the Brazilian landscape as well as the ways and habits of the indians.

O Padre José de Anchieta, S.J., escreveu um único poema épico, em latim, em mais de três mil perfeitos hexâmetros datílicos, denominado *De Gestis Mendi de Saa Praesidis in Brasillia (Feitos de Mem de Sá Governador do Brasil)* – DG¹.

1. *Autoria do DG*

O único manuscrito existente do poema é apógrafo, de modo que a primeira questão que se levanta é a da sua autoria. Argumentos intrínsecos e extrínsecos apontam para a autoria de Anchieta.

O exame do texto em si, a partir da *Epistola Nuncupatoria (Epístola Dedicatória)*, acena para um autor religioso, culto, humanista, contemporâneo do herói a quem celebra, conhecedor da paisagem brasileira, dos usos e costumes indígenas e enfronhado nos acontecimentos históricos que relata.

Além disso, a comparação do *DG* com outras obras reconhecidamente de Anchieta revela inúmeros pontos em comum - sobretudo a comparação com o conhecido *De Beata Virgine (DB)*: existe extrema semelhança de conceitos e até de versos entre os dois poemas. A título de exemplo, confrontem-se:

DG, v. 19: “*Qui tamen astrigeros divino robore caelos / temperat...*”²
e

DB, v. 139: “*Astrigeros pulchro cum temperat ordine caelos*”.³

O Catálogo dos Escritores da Província do Brasil, composto em 1780 por um jesuíta e publicado por Serafim Leite em sua *História da Companhia de Jesus*, enumera o *DG* entre as obras de Anchieta. Este catálogo faz supor que o *DG* estava guardado nos arquivos da Ordem, até a extinção da mesma. Finda a Companhia, perdeu-se o poema. Mas em 1928, o Pe. Florentino Ogare, S.J., achou-o em Algorta, pequena cidade da província de Bilbao, no solar dos Anchietas espanhóis, num caderno manuscrito, de folhas numeradas, junto com o *De Beata* e outras composições de Anchieta.

¹ O texto utilizado para este trabalho foi: ANCHIETA S.J., Pe. Joseph de. *De gestis Mendi de Saa*. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso, S.J., São Paulo: Loyola, 1986, 341 páginas [Obras completas - 1º volume].

² Aquele que rege com força divina os céus estrelados.

³ Recebe com ela ordem os céus estrelados.

2. *Manuscrito do DG*

O único manuscrito conhecido do *De Gestis* é este de Algorta (MA), cujo nome deriva da vila homônima. Tem a aparência de cópia do séc. XVII e não é autógrafa de Anchieta.

Provavelmente é uma transcrição do rascunho perdido de Anchieta, que ficara guardado no arquivo provincial e serviu de base para uma cópia oferecida por Anchieta a Mem de Sá, a qual teria sido enviada por este a sua família em Portugal.

O MA tem 28cm x 16cm. Começa pela *Epístola Nuncupatória*, cujas páginas não são numeradas. Em seguida vem o *De Gestis*, em páginas numeradas de 1 a 83, com 2946 versos hexâmetros ou heróicos divididos em três livros. Da pág. 84 a 106, estão seis pequenos poemas eucarísticos ainda inéditos. Da pág. 107 até o fim do caderno está o longo poema *De Beata Virgine*. O *De Gestis* está mais bem conservado do que o *De Beata*.

Todo o MA está cheio de erros, porque provavelmente o copista sabia pouco latim; há correções feitas com letra diferente, o que leva a pensar em uma sumária revisão posterior. A cópia oferecida por Anchieta a Mem de Sá desapareceu - e faz muita falta para dirimir as dificuldades apresentadas pelo MA.

3. *Edições do DG*

Em 1958, saiu a que se presumia primeira edição do *DG*, levada a efeito pelo Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, historiador e diretor do Arquivo Nacional. Contém longa introdução histórico-literária, o texto latino com a tradução portuguesa ao lado, e anotações ao texto, de caráter histórico, literário e crítico. Introdução, tradução e notas são do Pe. Armando Cardoso, S.J.

O texto latino é o do MA, com as correções da revisão antiga (provavelmente de Simão de Vasconcelos), acrescidas de outras do próprio tradutor.

Contudo, em 1926, Antônio Joaquim Anselmo editou em Lisboa uma *Bibliografia de Obras Impressas em Portugal no século XVI*, que faz referência à publicação do *DG*, nas páginas 25 e 26.

Descobriu-se que esta edição original do *DG* foi conservada na Biblioteca Pública de Évora e foi impressa em 1563 pelo então tipógrafo régio João Álvaro, às expensas de Francisco de Sá, filho de Mem de Sá.

Cotejando a cópia fotostática desta edição de 1563 com o *MA*, notam-se as seguintes diferenças:

A edição de 1563 omite 687 versos, talvez por alguma conveniência, ou mais provavelmente por economia, pois a família de Mem de Sá tinha poucos recursos. Os recortes provavelmente se devem a Francisco de Sá.

A edição de 1563 apresenta algumas mudanças, com relação ao *MA*: melhor correção ortográfica, métrica e gramatical; ausência da divisão em três livros.

Paradoxalmente, a edição de 1563 apresenta acréscimos com relação ao *MA*: 29 versos a mais.

A lógica manda pensar antes em omissões do *MA*. A história dos manuscritos e edições seria a seguinte: Anchieta teria escrito um primeiro rascunho, guardado no Arquivo Provincial, sem assinatura, como ele costumava fazer, por humildade. Deste rascunho o próprio Anchieta teria feito uma cópia autógrafa cuidadosa, com correções, que ofereceu a Mem de Sá e que foi perdida. Deste mesmo rascunho saiu a cópia apógrafa existente, o *MA*, com incorreções e omissões, porque o copista sabia provavelmente pouco latim. A cópia autógrafa oferecida a Mem de Sá deu origem à edição de 1563, com alguns cortes, por motivos econômicos. O *MA* foi a fonte da edição de 1958, feita antes da descoberta da edição de 1563.

A edição mais recente, de 1986, é da editora Loyola, São Paulo, em convênio com a vice-postulação da causa de canonização do Beato José de Anchieta; é o primeiro volume das *Obras Completas de Anchieta*. Introdução, tradução e notas são do mesmo Pe. Armando Cardoso, S.J., que refundiu a edição de 1958, depois do precioso achado da edição de 1563. Mantém a divisão em livros (que não deve ser de Anchieta, pois não aparece na edição de 1563), mas reparte o terceiro livro em dois, reservando o quarto à campanha do Rio de Janeiro, dada a importância e a extensão do assunto.

A tradução procurou manter fidelidade não à letra, mas ao sentido, à harmonia e ao gosto estético. A cada verso latino corresponde uma linha em português, para que o leitor possa localizar no texto latino sobretudo as palavras e expressões que procuram reproduzir o pitoresco indianista. Os versos são livres e magníficos; o tradutor adotou, na medida do possível, um ritmo que procura imitar o hexâmetro, com uma ou duas pausas até o meio da frase, lembrando a cesura latina, e a cadência final, lembrando o dátilo e o espondeu. Vejam-se, a título de exemplo, os versos 864-865:

*“Ite, viris inquit, captumque adducite, qui nos
Adversum multa est insana voce locutus:”*

*“Assim diz: Ide e trazei-me preso esse louco
que tantas ameaças está contra nós vomitando.”*

Observe-se que as duas tônicas finais dos versos portugueses procuram reproduzir os dátilos e espondeus finais dos latinos.

4. Cunho histórico do DG

O *DG* é uma epopéia de cunho inteiramente histórico. O confronto com documentos contemporâneos⁴ permite fixar as seguintes datas para os sucessos narrados no poema, em perfeita cronologia:

- Chegada de Mem de Sá ao Brasil: 28 de dezembro de 1557.
- Empresa do Espírito Santo, onde são relatados os principais acontecimentos da expedição e a morte de Fernão de Sá, filho de Mem de Sá: janeiro a abril de 1558.
- Primeiros decretos de Mem de Sá sobre os índios, para moralização dos costumes: janeiro e fevereiro de 1558.
- Fundação das quatro primeiras aldeias da Bahia (aldeias de São Paulo, São João, Espírito Santo e Santiago): todas em 1558.
- Guerra dos Ilhéus, contra os índios revoltados: junho a julho de 1559.
- Guerra do Paraguaçu, também contra os índios: agosto a setembro de 1559.
- Preparativos contra os Caetés, em represália contra a antropofagia praticada com o bispo Sardinha: novembro de 1559.
- Empresa do Rio de Janeiro, contra os franceses: dezembro de 1558 a março de 1559.

5. Fontes do DG

O *DG* tem muito provavelmente fontes orais: informações colhidas por Anchieta de testemunhos visuais de capitães, soldados e do próprio Nóbrega,

⁴ Esta documentação está arrolada no capítulo II da **Introdução histórico-literária** à citada edição do *DG*.

quando se reuniram todos em São Vicente (abril de 1560), depois da vitória do Rio de Janeiro. O que leva a pensar em fontes orais é o fato de nenhum dos escritos contemporâneos (as cartas dos jesuítas, por exemplo) fornecer os pormenores que se encontram nos versos de Anchieta, que são tão positivos que não poderiam depender unicamente de imaginação criadora.

Além disso, existe grande coincidência entre os fatos narrados no *DG* e os depoimentos do próprio governador e dos soldados registrados no *Instrumento dos Serviços de Mem de Sá* (em *Anais da Biblioteca Nacional*, volume XXVII, p. 129 e seguintes). Pode-se até pensar que o poema tenha ajudado Mem de Sá a recordar mais tarde, diante dos tabeliões, os serviços que havia prestado ao Rei aqui no Brasil.

Assim sendo, o pequeno poema de Anchieta tem inegável valor histórico para os três primeiros anos do governo de Mem de Sá; tem-no também para a história da Igreja no Brasil, documentando a união do temporal com o espiritual, e a morigeração do ambiente advinda das leis civilizadoras impostas por Mem de Sá.

O poema também contribui grandemente para a narração do naufrágio e morte de nosso primeiro bispo, D. Pero Fernandes Sardinha. Anchieta deve ter tomado depoimento de um dos sobreviventes do naufrágio, soldado de Mem de Sá, a quem teria falado em São Vicente.

6. Argumento do DG

Epístola Dedicatória (Epistola Nuncupatoria)

Escrita em dísticos, começa com a piedosa epígrafe *Jesus* (Jesus), costume de Anchieta, e dirige-se ao governador Mem de Sá (*Mendo de Saa Praesidi*).

Anchieta convida Mem de Sá a contemplar os feitos que Deus realizou por seu intermédio: pacificar os índios; impor-lhes leis justas, morigerando-lhes os costumes, sobretudo a antropofagia, e cristianizá-los; vencer os franceses. Exorta o governador a não se ensoberbecer com as honras do mundo, perecíveis e passageiras, e dar glória a Deus, esperando a recompensa celeste.

Aconselha-o a desprender-se da riqueza, seguindo o conselho evangélico: “*Se queres ser perfeito e galgar as alturas celestes/, vai, vende o que tens, e dá-o todo aos pobres!*” (vv.73-74). Augura-lhe bom sucesso nos restantes

anos de seu governo e que seja imitado pelos seus vindouros, “*para que Cristo expulse o tirano infernal das terras do Sul/ e nelas implante o seu reinado*” (vv.107-108).

Poema propriamente dito

Feitos de Mem de Sá Governador do Brasil (De Gestis Mendi de Saa Praesidis in Brasillia)

Livro I (Liber Primus)

A *proposição* abrange os versos 109-118. Anchieta propõe-se a cantar “*as glórias do Pai celeste*” (v.1) e o nome de Cristo Rei, cuja força recentemente “*descerrou uma aurora por entre a escuridão das regiões brasileiras*” (v.114), encharcadas pelas tempestades provocadas pelas rajadas do vento Sul.

A *invocação* compreende os versos 119-130 e é dirigida a Jesus: que o Filho de Deus ilumine a mente do poeta e lhe fecunde o coração, para que ele possa celebrar os prodígios que o potente braço divino realizou há pouco na terra brasileira.

A *narração* começa no verso 131: havia no Sul uma nação escravizada pelo poder do demônio, cruel e sanguinária, que matava e devorava os cristãos. Mas um dia Deus volveu seu olhar às terras brasileiras e mandou-lhes um herói das plagas do Norte, para vingar tais crimes horríveis e abrandar a ferocidade dos que os praticavam.

Trezentos e doze lustros depois do nascimento de Cristo, uma esquadra aporta na Baía de Todos os Santos, trazendo o herói Mem de Sá, de físico forte e excelente alma, cujo peito fremia de amor a Deus e fé em Cristo, para “*arrancar as almas brasílicas às cadeias do inferno*” (v.177). Guerras ferozes o esperavam: ao longe, uns poucos colonos portugueses cultivavam terra fértil, “*cingidos em redor de altos montes e praias montanhosas*” (v.199), no lugar em que o vento Sul ergue ondas revoltas e varre os campos com turbilhões, e que por isso se denominou Espírito Santo. Eram terrivelmente atacados pelos índios Tamoios, que lhes talavam as plantações, matavam-nos e devoravam-nos.

Depois de invocar o auxílio do céu, Mem de Sá manda para o Espírito Santo duas caravelas, comandadas por seu filho Fernão de Sá, com quarenta combatentes. Exorta-o a combater com denodo e entregar-se nas mãos de Deus: se

vencer e voltar são e salvo, “*a Deus soberano*” renderão “*os devidos louvores*”; “*se morrer na peleja*”, hão de aguardá-lo “*imarcescíveis louros e honra perene*” no céu (Cf. vv.265-266; 272). Durante a viagem, aportando aqui e ali em aldeias cristãs, vão-se-lhes juntando novos companheiros, até se somarem cem.

Os selvagens, por sua vez, vão-se preparando para a luta: pintam o corpo de preto e vermelho, tomam suas armas (arcos, flechas, tacapes e escudos de couro). Ao vê-los, Fernão exorta os companheiros ao combate, recebe o sacramento da confissão, no que é acompanhado por todos.

Então, no meio da noite, “*toda essa mocidade guerreira atira-se às armas*” (vv. 373-374), subindo o rio para atacar as fortificações indígenas. O combate é terrível, pólvora e espada contra setas envenenadas. Fernão e seus companheiros vão conquistando as posições indígenas e teriam vencido o selvagem, se alguns traidores não tivessem desertado: “*para que tanto amor pela vida?*”, reflete Anchieta, lamentando a inconstância humana (Cf. vv.559 e 576).

Fernão demora a perceber a traição, porque tinha os olhos fitos na “*derradeira vitória*” (v.607). Ao ver que os desertores haviam levado os barcos, percebe que não tem como recuar, e exorta os que lhe permaneceram fiéis a lutar até a morte: “*Paira sobre nós a morte? - que paire! Oh que belo/ deixar por Deus as vidas caras na arena sangrenta / e comprar com esse sangue a vida de muitos!*” (vv.625-627). Morre Fernão, e depois que serena um pouco a fúria dos selvagens, seus companheiros restantes correm até a praia, retomam as naus, abandonam seu cadáver no litoral e voltam para as aldeias cristãs; “*deixam a um tempo a praia e na praia/ o chefe estendido.*” (vv. 691-692).

Os cristãos celebram-lhe honrosas exéquias. Depois, os companheiros soldados, incendiados de ira, voltam às canoas, tornam a subir o rio e vão vingar a morte do chefe; lutam até domar por completo os selvagens, matando uns, prendendo outros - “*e voltou aos lusos a paz suspirada.*” (v.791).

Findas as guerras, voltando a segurança às aldeias dos cristãos, os combatentes voltam à esquadra e “*largam velas ao vento propício.*” (v.794). Chegando à presença de Mem de Sá, dão-lhe a notícia da morte do filho. Então, “*a virtude invencível dominou o sofrimento/ ainda que atroz e consolou o amor dolorido,/ porque a morte do filho salvou a vida de muitos. / Tão digno foi do filho esse pai e do pai esse filho!*” (vv.806- 809)

Livro II (Liber Secundus)

Anchieta dispõe-se agora a cantar as obras de Mem de Sá.

Antes que este chegasse ao Brasil, os selvagens viviam em extrema crueldade e rudeza, praticando a antropofagia, violando as leis da natureza e os mandamentos divinos. Mem de Sá resolve corrigir-lhes os costumes. Antes de mais nada, manda prender durante um ano o índio Cururupeba (Sapo Espalmado), que vomitava insultos e provocações contra os cristãos. Este fato criou entre os índios terror indizível, preparando terreno para o governador, que desejava submetê-los a rígidas leis, proibindo-lhes as guerras e a antropofagia.

Ao saberem das intenções do governante, os colonos se revoltaram: temiam que, impedidos de matarem-se e de entredevorarem-se, os selvagens comessem a praticar estes crimes contra os cristãos. Julgavam impossível que os índios abandonassem “*estes e outros costumes, herdados dos seus antepassados, / e transmitidos como direito racial, de há longo tempo*” (vv.937-8). Perguntam ao governador “*de que maneira*” (v.959) realizará seus desejos - ao que lhes responde Mem de Sá: “*Vive o Deus que criou céus, terras e mares... Sua dextra trar-nos-á auxílio a seu tempo / e livrará os cristãos de tamanhas desgraças.*” (vv.988; 991-992).

A primeira providência foi aldear os índios, acabando com o nomadismo. Construíram-se quatro aldeias, para que nelas os índios fossem evangelizados; estes “*acorriam de todas as partes, movidos da fama / e do muito medo que do governador se espalhara*” (vv.1038-1039). Em seguida, Mem de Sá lhes impõe “*santas leis*” (v.1063): reconhecerem e amarem o único Deus; cessarem as guerras e matanças; deixarem de praticar a antropofagia; respeitarem a indissolubilidade do matrimônio; abandonarem bebedeiras e orgias; deixarem o curandeirismo. E mais: tudo isso passa a ter força de lei civil, com as sanções correspondentes.

Erguem-se quatro templos, para abrigar a catequese, dedicados a “*celestes patronos*” (v.1201): Paulo, Tiago, João e Espírito Santo. Os coros celestes e Nossa Senhora alegram-se, ao ouvirem o nome de Jesus enaltecido nas terras brasileiras. As crianças inocentes recebem o batismo; os pecadores confessam seus erros.

Os jesuítas, “*ufanos do nome de ‘companheiros de Cristo Jesus’*” (v.1276), são os primeiros a pregar o evangelho nas terras do Brasil. De sua

pregação brota uma primavera de almas: “*almas de feias culpas manchadas/ limpam-se e inflamam-se.*” (vv. 1302-1303). O inferno é vencido e “*só a Cristo Jesus, eterna vida, se cantam louvores*” (v. 1323).

Mem de Sá rende graças a Deus, que lhe permitiu realizar tal obra. “*A recente cidade de Salvador florescia em doce sossego,/ e a nova assembléia dos cristãos, com plácido aspecto, cantava os louvores de Deus*” (vv.1348-1350).

Mas eis que lhes chega uma triste notícia: havia no Sul uma terra fértil, de campos de cana-de-açúcar, onde os colonos viviam em paz, comerciando com os índios da vizinhança. Porém estes se sublevaram, começaram a talar os campos e encurralaram os colonos, para matá-los à míngua.

Para lá se dirigem as naus de Mem de Sá, com soldados e alguns índios já cristianizados, apesar do protesto dos habitantes de Salvador, que temiam uma reviravolta dos selvagens já pacificados, na ausência do governador. Mas Mem de Sá confia em Deus e vai. No caminho, Deus amaina o vento Sul, que provocara uma tempestade no oceano.

Chegando ao local da sublevação, “*apenas pisou em terra, dignas graças o Chefe/ rendeu a Deus: imitaram-no os fiéis companheiros.*” (vv.1445-1446).

Deixando a praia, transpuseram as montanhas, atrás das quais se localizavam as habitações do inimigo. Era noite escura e, ajudados por Deus, atravessaram perigosa lagoa pela única e estreitíssima ponte existente. Acometeram contra o inimigo, pego de surpresa, e queimaram-lhe quatro aldeias, voltando em seguida para a praia.

Lá os esperavam furiosos os índios, mas o governador lhes preparara uma cilada: deixara escondidos nos bosques alguns combatentes. “*Assim, a matança que preparavam voltou-se contra eles*” (v.1513) e muitos para fugir atiraram-se ao mar.

Ao mar também se atiraram os índios cristãos trazidos por Mem de Sá, e nas ondas se travou um combate feroz, que os soldados puderam contemplar da praia.

Vencido o inimigo, dirigiram-se os conquistadores para a cidade - e foram recebidos com cantos de vitória pelos habitantes, que louvavam a Deus e a seu enviado Mem de Sá. “*Enfim a cidade despe a veste de luto pesado.*” (v.1605).

Contudo, não se curvara ainda por completo o orgulho dos selvagens. De toda parte reúnem-se jovens índios valentes, para vingarem os companheiros aprisionados ou mortos, os lares queimados. “*Dirigem-se para a cidade,/*

apostados ou a matar o chefe ou morrer fatalmente.” (vv.1631-32). Mas, com a proteção de Deus, vencem os nossos. Os índios revoltados pedem paz, prometem submissão às leis de Mem de Sá e “*regozijam-se de seguir no futuro/ as divinas campanhas de Cristo.*” (vv.1693-94).

Não foi a cobiça de glórias ou riquezas que levou o monarca português a dominar as terras brasileiras; foi o zelo pela evangelização. Por isso o Pai eterno “*tornou temido de todos o nome de nosso monarca*” (v.1711).

Grandes alegrias fazem vibrar o peito de Mem de Sá, ao ver os povos selvagens submissos às leis e ansiosos por conhecer o nome de Cristo.

“*Mas o inimigo ainda não despiu de todo o ódio implácavel.*” (v.1722). Continua sendo necessário combatê-lo.

Livro III (Liber Tertius)

Anchieta tem de contar guerras maiores e para isso pede a inspiração divina.

Certo dia, chegou à cidade de Salvador a triste notícia de que três cristãos haviam sido mortos por índios insubmissos na praia, enquanto pescavam.

Mem de Sá reúne os soldados, entra nas naus e singra para o Sul, *aportando* “*no seguro ancoradouro da remansosa baía.*” (v.1764). Entra na cidade, recebido com muitas aclamações. Sem demora, envia embaixadores aos inimigos, com um ultimato: entreguem-lhes os assassinos, que deverão pagar morte por morte.

Os selvagens hesitavam entre o amor fraterno pelos companheiros e o medo da guerra; “*mas houve uns loucos*”, chegados “*há pouco de suas terras natais*” onde já haviam experimentado a guerra contra os cristãos, e que incitaram os índios à luta. Mandam dizer ao governador: “*perante esquadrões de mulheres, de que serve tremer?*” (vv.1785,1788,1792,1793). Mem de Sá não podia suportar tal afronta: “*manda arrolar de todas as partes/ batalhões de indígenas já submissos ao jugo de Cristo*”, que, “*arreatados de ardor*”, “*suspiram pelos belos riscos da guerra.*” (vv.1799,1800,1804,1805).

Armam-se índios e lusos. O mar fica coalhado de naus, barcos e igaras. O vento Sul os leva às praias da terra inimiga, cercada de densas florestas, íngreme e escarpada.

Os nossos adentram a mata penosamente, noite e dia, abrindo picadas. Chegando ao cimo de um alto monte, atacam e derrotam a primeira cidadela do inimigo; muitos fogem e são perseguidos e mortos na mata.

Acontece um fato inédito: um dos índios cristãos corta e rouba um braço de um cadáver, pensando talvez em devorá-lo às ocultas, “*vencido/ do antigo costume*” (vv.1876-1877). Ameaçado de morte pelo governador, devolve a presa em segredo.

Depois de uma noite de descanso, partem os nossos para o ataque à segunda cidadela, de acesso ainda mais difícil, no cimo de um monte mais alto e mais áspero. “*As hordas selvagens contra-atacam de cima do monte*” (v.1929), “*mas aos esquadrões de Cristo nem flechas nem pedras/ conseguem parar*” (vv.1939-40). Vencem os nossos.

Um balanço da luta revelou cento e sessenta aldeias incendiadas, mil casas arruinadas e todos os campos talados. Era tempo de voltar a casa: tinham sido quinze dias de combates e destruição.

Os nossos encaminham-se para a praia, onde os esperava um bando de inimigos, que também foram vencidos.

Voltam os nossos para casa e são recebidos com alegria pelos colonos. Todos elevam louvores a Deus pela vitória.

Três dias depois, os índios derrotados comparecem diante do governador para entregar-lhe manietados os assassinos que tinham desencadeado guerra tão cruel. Prometem obedecer às suas leis e pedem paz. Mem de Sá ordena-lhes que deixem as guerras, a antropofagia e que construam em seu torrão natal igrejas onde poderão ser instruídos na doutrina de Cristo. Assim suas almas, duras, tais quais o rochedo do deserto, “*fecundadas pela torrente/ da palavra divina... serão novas fontes.*” (vv.2106-2108).

Depois de tais feitos, o governador começa a preparar-se para ir às praias “*onde bárbara gente/ espostejara a muitos cristãos juntamente com o Bispo*” (v.2114). Lembremos o infausto naufrágio e morte do Bispo. Este, juntamente com inúmeros cidadãos, embarcou “*da cidade do Salvador, rumo ao litoral das Espanhas.*” (v.2124). Tolhida por uma tempestade, a nau bateu em um rochedo. Muitos morreram no mar; alguns tentaram, sem sucesso, salvar-se nadando; outros, inclusive o Bispo, foram ter à praia num escaler.

Lá os esperavam os índios, que se fingiram de amigos e armaram-lhes uma cilada. Quando os nossos perceberam suas intenções, tentaram fugir, mas foram

esmagados. O Bispo teve sua cabeça fendida por um golpe de foice. A crueldade foi imensa. Alguns poucos que se salvaram, escondidos na mata, chegaram à cidade e deram notícias de tragédia.

Estava o governador decidido a vingar estas mortes cruéis, quando maiores combates o chamaram a outro campo.

Livro IV (Liber Quartus)

Longe de Salvador, no Sul, estabeleceram-se os franceses, querendo tomar para si a terra que os lusos conquistaram. Estes hereges comerciavam com os índios: trocavam espadas, anzóis, foices, por pau-brasil, pimenta, aves e animais. Construíram uma fortaleza sobre altos rochedos. Com o coração “*infectado pela heresia*” (v.2327), procuravam perverter também “*com falsas doutrinas os míseros povos índios, de todo ignorantes*” (vv.2329-2330).

O governador prepara uma esquadra para expulsá-los. Chegando ao Sul, os nossos capturam uma nau francesa, atiram contra o forte e matam sete franceses.

Previendo que a guerra seria sangrenta e ceifaria muitas vidas, Mem de Sá manda ao chefe francês um bilhete, propondo-lhe que se retire pacificamente da terra que por direito pertence aos lusos.

O Francês responde que cumpre ordens de seu rei e que jamais abandonará o forte. Haverá luta.

Mem de Sá pede reforços de tropas índias à cidade de São Vicente. Junto com elas, vai um sacerdote jesuíta para dar os sacramentos aos soldados, acompanhado de um irmão de Ordem; os outros jesuítas permanecem em contínua prece.

Reunida a oficialidade, dizem a Mem de Sá que é impossível escalar o forte, mas o governador confia na Providência Divina e decide o ataque: Deus “*abaterá e esmagará o inimigo, castigando co’ a morte/ corações ímpios, vazios da fé verdadeira.*” (vv. 2505-2500).

Em uma pequena ilha, no meio da baía, havia duas cidadelas francesas, no alto de dois montes, cercadas de rochedos, praticamente inacessíveis.

Mem de Sá consegue, por um stratagema, afastar os franceses da primeira colina, fingindo que ia debandar. Os franceses descem de lá, e Mem de Sá a conquista.

Mas havia ainda a segunda colina fortificada - e os nossos estavam muito cansados. Os franceses contavam com o auxílio dos indígenas com quem man-

tinham relações comerciais. A artilharia dos franceses investia contra a nossa - e vice-versa, havendo também combates individuais. Mas humanamente era impossível aos nossos a vitória.

Então Mem de Sá invoca o auxílio divino contra os hereges: “*Ai! por que nos entregas, supremo Criador do universo,/ sem recurso nenhum, aos últimos riscos da vida?*” (vv.2785-86). “*Como podes deixar que sejamos/ o opróbrio do inimigo? Por que zombarão de teu nome/ esses bárbaros? Por que há de o francês conspurcado/ pelo crime feio da heresia, insultar teus soldados/ cristãos e fiéis?*” (vv.2788-2791). O Senhor do céu e da terra não tarda e incute um terror mortífero nas hostes francesas, que fogem, abandonando a fortaleza e as casas.

Então os lusos, vitoriosos, “*fincam logo a cruz vencedora/ no cimo do forte e aclamam o nome santo de Cristo*” (vv.2851-52). Entram nas casas e encontram livros heréticos de Lutero e Calvino. Como poderiam estes hereges vencer a Cristo, “*Senhor do céu e da terra?*” (v.2901).

No forte vencido, celebram a eucaristia. Os soldados apoderam-se dos despojos. Arrasam e queimam o forte.

Conclusão: foi Deus quem realizou esta obras. Foi Cristo, que tudo rege. Cristo outrora providenciou a paralisação da Torre de Babel para combater a soberba, abriu o Mar Vermelho para salvar Israel, abriu o Jordão e derrubou as muralhas de Jericó para permitir a entrada em Canaã.

Para salvar-nos do pecado de nossos primeiros pais, fez-se homem, morreu por nós, desceu aos infernos, ressuscitou, subiu ao céu e está sentado à direita do Pai. Esta é a obra de Cristo, rei do universo, a quem todos adoram - e a quem um dia também adorarão as gentes brasileiras. A ele, com o Pai, o Espírito Santo e a Virgem Maria, seja dada toda a glória!

FIM (FINIS)

7. DG: epopéia clássica

O DG é uma epopéia clássica, renascentista, virgiliana.

Como todas as epopéias, celebra as guerras, dirigidas aqui contra os índios e os franceses. Acresce que foi escrito numa época em que os cristãos da Península Ibérica ainda respiravam os ardores das cruzadas contra os Mouros, e em que as armas de fogo começavam a fazer sua entrada triunfante nas lides bélicas.

Como a epopéia clássica, apresenta a quádrupla divisão em *proposição* (v.109-118), *invocação* (v.119-130), *narração* (v.131-2940) e *conclusão* (v.2941-3055).

A influência de Virgílio faz-se notar na métrica, nas descrições, comparações e discursos. Assim, Fernão de Sá é Ascânio, a quem o pai Enéias instrui com seus exemplos⁵.

Não se trata, porém, de imitação servil: Anchieta sente à sua maneira o que Virgílio sentiu à sua.

8. DG: *epopéia americana*

Por isso, a originalidade do DG está em ser uma epopéia americana, indianista; em revelar ao Velho Mundo, na língua de Virgílio, a exuberância e o pitoresco do Mundo Novo.

Descreve a natureza tropical, o clima, as estações do ano, pormenores geográficos, sobretudo da Baía de Guanabara. Descreve também a fauna exótica que povoava esta natureza tropical e que fascinava os europeus do tempo.

Porém, o maior interesse de Anchieta está na pessoa humana do indígena, mais do que em seu atraso na civilização e na fé. Revela simpatia por suas qualidades naturais e anseia por libertá-lo de sua barbárie. Descreve-lhe o regime de vida, aldeias, casas, ocupações, festas, guerras, orgias, festins antropofágicos, com muito realismo:

*“Proxima crudelis circumstant littora terrae,
Saevus inaccessas ubi silvas hostis et atra
Tecta colit multum fumum eructantia, cantus
Assiduos resonans, magno spumantia vina
Igne coquens, caelumque replens clamore profundum.
Humano hic semper tellus perfusa madescit
Sanguine, quem, misero confringens tempora, fundit*

⁵ “Disce, puer, primis virtutem quaereri ab annis,/ eximiumque labore decus...” (“Aprende, filho, desde os anos mais tenros a buscar no trabalho as virtudes e a glória” - (DG vv.236-237). Cf. *Eneida* 10,435

*Dextera saevorum, tectis pendentque sub atris
Humanae assatae vulcani ad lumina carnes,
Et nudata suis calvaria crinibus ipso
Portarum ingressu, spoliataque carnibus ossa.*” (vv.2153-63)⁶.

9. DG: epopéia cristã

Paradoxalmente, apesar das guerras e matanças cruéis, o *DG* é inteiramente atravessado pelo espírito cristão. Os sinais mais óbvios da inspiração cristã do *DG* são extrínsecos.

A *Epístola Dedicatória* dá o sentido religioso geral da epopéia: júbilo pela mudança de costumes dos índios, pela vitória sobre os hereges franceses, convida a Mem de Sá a uma vida de santidade.

O herói invisível da luta é Cristo Rei, a cujo serviço está Mem de Sá. A invocação do poema não se dirige às musas pagãs, como acontece no Renascentismo, mas a Jesus, com o qual estão presentes também o Pai, o Espírito Santo e a própria Virgem Maria.

Os anjos aparecem como os inspiradores do poeta; os santos são reverenciados nos topônimos das vilas recém-fundadas, Baía de Todos os Santos, Vila de São Vicente, etc.

A guerra tem o sentido de cruzada contra infiéis e hereges; os soldados rezam na partida e na chegada; a ação dos jesuítas é exaltada, porque lavraram anos sobre uma terra estéril e conseguiram uma primavera de almas.

As palavras mais duras do poeta são dirigidas contra os franceses hereges, que vieram espalhar seus erros na Terra de Santa Cruz.

A Sagrada Escritura é fonte de inspiração e comparações para os episódios narrados, como por exemplo, a aproximação entre o rochedo do Horeb, que

⁶ “*Próximas estão já as praias da bárbara terra/ onde o índio feroz habita, em inacessíveis florestas,/ ocas escuras que ressumam densa fumaça:/ Entre cantos contínuos o bárbaro coze seus vinhos/ sobre grandes fogueiras e enche de uivos o espaço./ Aí a terra está sempre empapada no sangue/ dos pobres prisioneiros, a quem os malvados esmagam/ as cabeças com crueldade. Pendem dos tetos escuros/ carnes humanas, assadas ao fumo das brasas,/ enquanto os crânios desnudados dos cabelos e os ossos/ despojados das carnes se colocam à entrada das portas*”.

verteu água ao toque de Moisés, e os corações de pedra dos indígenas, amolecidos pela palavra de Deus.

Contudo, o que constitui a marca realmente cristã do *DG* são elementos intrínsecos: uma visão cristã da história humana; a certeza subjacente aos acontecimentos de que Deus é o senhor da História; a crença verdadeira na Divina Providência.

Assim sendo, as intervenções divinas não são, como na epopéia renascentista, um sucedâneo do maravilhoso pagão, um artifício de retórica. Refletem a crença verdadeira do autor. Por isso, quando o governador reza antes das batalhas, suplicando o auxílio divino; quando Deus intervém com todo o seu poder em favor dos fiéis; quando os cristãos glorificam a Deus; quando a corte celeste se regozija pela conversão dos pecadores - é a fé de Anchieta que se manifesta, é sua crença nas coisas invisíveis; Anchieta é realmente um narrador cristão da História.

As intervenções divinas não têm como pano de fundo os deuses *ex machina* da Antigüidade, mas Iahweh Sabaoth, que intervinha salvificamente em favor de Israel. A este respeito é interessante estabelecer um paralelo entre a vitória sobre os franceses, porque Deus semeou o pânico entre eles, e a vitória de Gedeão sobre os Madianitas, entre os quais Iahweh também semeou o terror:

*“Imperat et vacuum pernicious aëra pennis
Scindat et horrificum nigranti nocte timorem
Immittens, saevos celsis fuget aedibus hostes.”* (*DG* vv.2813-2815)⁷

*“E todos [os israelitas] se mantiveram imóveis, cada um no seu lugar, ao redor do acampamento. Todo o acampamento então se agitou e, gritando, os madianitas se puseram em fuga”*⁸. (Livro dos Juízes 7,21).

Da mesma forma que o governador ousa lembrar a Deus que não se deixe vencer por Calvino e pelos hereges⁹ - Moisés chama Iahweh aos brios para não deixar Israel perecer no deserto, dando ensejo a que os egípcios zombem de seu santo nome:

⁷ *“Manda-lhe que corte os espaços com as céleres asas/ afugente os inimigos do posto altaneiro,/ insuflando-lhes o terror pelas trevas da noite.”*

⁸ Cf. *DG* vv. 2785-91.

⁹ Ex. 32,11ss.

“Por que, ó lahweh, se acende a tua ira contra o teu povo, que fizeste sair do Egito com grande poder e mão forte? Por que os egípcios haveriam de dizer : ‘Ele os fez sair com engano, para matá-los nas montanhas e exterminá-los da face da terra’? Abranda o furor de tua ira e renuncia ao castigo que pretendias impor ao teu povo”¹⁰.

Enfim, na conclusão do poema, Anchieta faz um resumo destas intervenções divinas na história humana, culminando na intervenção maior, que é o mistério pascal de Jesus Cristo¹¹.

O capítulo da história americana narrado no poema, à semelhança do Apocalipse de São João, está inserido na luta maior e mais prolongada do poder das trevas contra o da luz, na qual a luz sairá vencedora.¹¹ Isto é, a história humana não é cíclica, mas tende para uma terminalidade, que é o triunfo de Cristo Rei em todas as nações, inclusive no Brasil:

“*Et subiecta Noto noscet tua nomina tellus;
Aureaque australi succedent saecula mundo,
Cum tua Brasilles servabunt dogmata gentes.*” (DG vv.3052-3054)¹².

10. DG: cristianismo e belicismo

Estamos acostumados a conhecer os índios pelo filtro dourado do Romantismo e pela influência do *bon sauvage* de Rousseau. Mas Anchieta viveu no meio deles; conheceu-os como eram realmente, e amou-os a ponto de entregar sua vida por eles. Como os missionários da época, acreditava que o melhor método para civilizá-los e cristianizá-los começava pela sujeição e pelo temor: os índios estavam profundamente habituados às guerras entre tribos; conviviam com a crueldade e a violência; praticavam a antropofagia ritual; assim sendo, só se renderiam à civilização por temor a uma força maior, que lhes incutisse respeito.

É certo que os colonos praticaram muitas injustiças contra os índios. Mas na época necessitavam de um socorro imediato, pois estavam sem ação, encurralados, sem saída.

¹⁰ Cf. vv. 2941-3054.

¹¹ Cf. Ap. 22,10-15.

¹² “*A terra em que sopra o Sul, conhecerá o teu nome/ e ao mundo austral advirão os séculos de ouro,/ quando as gentes brasílicas observarem tua doutrina.*”

Aos olhos do homem de hoje causa escândalo a anuência da ação evangelizadora às atividades guerreiras. O Papa João Paulo II por diversas vezes já pediu perdão em nome da Igreja, pela condescendência frente a métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade, durante alguns séculos. Considera que houve condicionamentos culturais atenuantes, mas que não exoneram a Igreja de lastimar as fraquezas de alguns filhos seus, que lhe deturparam o rosto - e conclui: "*a verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte*"¹³.

Cumprido, pois, destacar os condicionamentos culturais atenuantes. Ainda se respiravam as brisas medievais, e na Idade Média a Igreja vivia num contexto histórico diferente do das origens e diferente também do de hoje.

A Igreja dos três primeiros séculos viveu uma situação especial, depurada pelas perseguições de quase todos os imperadores e pela polêmica com as heresias. O ideal supremo de amor a Deus e ao próximo, levado então ao radicalismo e às últimas conseqüências, manifestava-se em atitudes de não resistência ao mal (entre matar ou morrer, o cristão escolhia morrer), de perdão incondicional, de virtudes morais comprovadas, de ativa caridade fraterna, de vivência comunitária. A formação na fé (catecumenato) era muito séria, exigente e realizada em pequenas comunidades eclesiais.

Como então entender, na Idade Média, as Cruzadas contra Mouros e hereges e as guerras toleradas pela Igreja?

No *Cantar de mio Cid*, gesta castelhana do século XII, o bispo D. Jerônimo, muito bem armado, anseia por ser o primeiro a matar mouros. Obtida a permissão do chefe, abate dois com a lança e cinco com a espada. Depois de ter celebrado a missa!¹⁴

O exame da história da difusão do cristianismo ajuda a entender estas disparidades. O ano 313 foi fundamental, marcando uma reviravolta na Igreja nascente: convertido o imperador Constantino, oficializou-se a religião cristã no Império. Antes era uma religião de minorias perseguidas; a partir de então, vai-se transformando na religião das massas. Surgem as grandes catedrais para abrigar o povo de Deus, que passa a ser numeroso. Impõe-se uma organização de

¹³ JOÃO PAULO II. *Tertio millennio adveniente*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994, nº 35.

¹⁴ VIEIRA, Afonso Lopes. *O poema do Cid*. Lisboa: Sociedade Editora Portugal-Brasil, 1929, p. 98-99.

governo, que copia mais ou menos a administração imperial centralizadora; oficializa-se o papado em fins do século IV; nascem as dioceses eclesiásticas, no modelo das imperiais.

Impõe-se, então, um novo modelo catequético, pois os novos reinos históricos exigem que a evangelização saia de ambientes reduzidos fechados para defrontar-se com massas humanas vindas do paganismo, isto é, da religiosidade mítica e telúrica.

A opção catequética foi cristianizar rapidamente crenças, festas e templos pagãos. É certo que a Igreja continuou a ter santos e a guardar intacto o depósito da fé. Mas, nas massas populares, o cristianismo consorciou-se com a religiosidade primitiva, sublimando-a sem conseguir abafá-la. Como resultado, a religiosidade medieval ganhou um aspecto dualista, pois o dualismo é a forma mais evidente de apreender a vida, a natureza e o cosmos: há acontecimentos bons e maus, alegrias e tristezas, prosperidade e miséria, bons e maus caracteres, vida e morte. No âmbito do sobrenatural, existe o poder da luz e o das trevas, o senhor do bem e o senhor do mal.

O dualismo gera naturalmente um contratualismo. Assim, tolerar mouros e hereges é pactuar com o Anticristo; combatê-los significava defender e propagar a fé. O cristianismo passou a ser sinônimo de cristandade, isto é, de uma cristocracia a ser implantada a todo custo. Era a guerra santa, que descontextualizava as máximas evangélicas pelo entendimento literal levado às últimas conseqüências: *“Quem não está comigo, está contra mim”* (Mt 12,30); *“Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo”* (Mt 7,19); *“Vai pelos caminhos e trilhas e obriga as pessoas a entrarem, para que a minha casa fique repleta.”* (Lc 14,23).

Os próprios clérigos tinham sua parte na luta, usando uma armadura simbólica - a batina - e armas igualmente simbólicas: os sacramentos, os exorcismos, o crucifixo, a água benta. O diabo não era entendido teologicamente como o orgulhoso, mas como o traidor, cujos seguidores era preciso derrotar¹⁵.

O contexto da Contra-Reforma, berço da Companhia de Jesus, é mais ou menos o mesmo: dilatar a fé e o império e combater a heresia de Lutero. Os verdadeiros combatentes são Cristo e o diabo, saindo derrotado este último:

¹⁵ Cf. TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *O sirventês político: um discurso da utopia*. São Paulo: USP [tese de Pós-doutorado ainda não defendida].

*“Quis memoret quali nomen celebretur honore
Christe, tuum? quam pulsa procul nigrantia regni
Agmina Tartarei...” (DG vv.1160-62)¹⁶.*

Estes pressupostos explicam a cristianização *ex abrupto* dos selvagens, que, ou se convertem rapidamente nas aldeias de Mem de Sá, ou vêm pedir o batismo para escaparem do extermínio:

“Christi pariter vox illa sonora:

Coge illos intrare mei sacraria templi..” (vv. 1093-94)¹⁷.

*“Nulla mora est jussis: faciunt quaecumque libenter.
Imperat, et Domini subdunt se legibus omnes;
Atque fidem Christi amplecti, verbumque salutis
Audire exoptant, et noscere nomen Iesu.” (vv.2084-87)¹⁸.*

Tomadas estas providências, a fé talvez não fosse ainda muito profunda. Porém, se os índios recebiam o batismo, considerava-se iniciada a implantação do cristianismo na terra brasileira, e os recém-convertidos tornavam-se soldados de Cristo:

*“...acciri Brasilles undique turmas,
Quae supposta iugo Domini iam colla gerebant,
Imperat..” (vv. 1799-1800)¹⁹.*

¹⁶ “Quem cantará a glória que agora se dá a teu nome,/ ó Cristo? Que desbarato sofreram as negras fileiras do inferno!”

¹⁷ “Também a seus ouvidos [de Mem de Sá] soava/ a voz de Cristo: ‘Força-os a entrar em meu santuário!’”

¹⁸ “Para logo [os selvagens] submissos executam quanto lhes manda/ e de bom grado sujeitam-se aos preceitos divinos,/ desejosos de abraçar a fé e ouvir a palavra/ da salvação e conhecer o nome de Cristo Jesus.”

¹⁹ “[Mem de Sá] manda arrolar de todas as partes/ batalhões de indígenas já submissos ao jugo de Cristo.”

Da mesma forma se entende a ânsia de derrotar os franceses, que aqui vieram implantar sua heresia:

*“Hiccine te contra caelestia robora posset
Tutari? hos arcus, haec tela ignita parasti,
Impie galle, tibi? Caeli terraeque potentem
Calvinus Christum superaret?”* (vv.2898-2901)²⁰.

11. O DG e a nova evangelização

Por outro lado, ainda que neste contexto do *“compelle intrare”*²¹, o sinal que identifica o cristianismo está presente no poema: a entrega da vida de um para a salvação de muitos. É o caso da morte salvífica de Fernão de Sá:

*“Tene, caput nobis ut tutarere, cruentae
Obiecisse caput morti, saevosque labores
Bellorum nostrae non antetulisse quieti!
Tantin nostra fuit diris ut parta veniret
Vulneribus, dux clarae, tuis, carique parentes
Ingenti maerore, salus”* (vv.710-715)²².

O próprio sacrifício salvífico de Cristo é aplicado aos brasilíndios:

*“Tua sunt Brasillica regna,
Omnipotens Iesus, proprio tibi sanguine parta,*

²⁰ “É este quem te protegerá contra a força celeste,/ ó ímpio francês? Estes são os arcos, estas as balas de fogo/ que para ti preparaste? Calvino vencer a Cristo,/ Senhor do céu e da terra?”

²¹ Cf. Lc. 14,13.

²² “Tu, para nos proteger a cabeça,/ entregaste a tua à morte sangrenta, aceitaste/ pelo nosso descanso os duros trabalhos da guerra./ Valia tanto, ilustre chefe, nosso bem para comprá-lo/ com tão duras feridas tuas e com tanta amargura de teu amado pai?”

*Quae tu de saevo crudelis iure tyranni
Morte redemisti informi, infandoque dolore!” (vv.1182-1185)²³.*

O mandato missionário de fazer de todas as nações discípulos²⁴ foi o que impeliu o rei português à conquista de terras estrangeiras, e não a cobiça de glórias e riquezas:

*“...sed divinum deducere ad omnes,
Christe, tuum nomen gentes, quae climata terrae
Cumque colunt, movit mentem succensa cupido
Insolitas tentare vias terraeque labores
Oceanique minas, tumidumque furentibus undis
Intactum armatis discindere puppibus aequor” (vv.1704-1709)²⁵.*

A metodologia catequética dos jesuítas antecipa, ainda que palidamente, aquela que preconiza a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI: anúncio do querigma (isto é, da boa nova da vitória de Cristo sobre a morte); adesão a Cristo; entrada em uma comunidade eclesial, onde o modo cristão de viver vai surgindo pouco a pouco, pela moção do Espírito²⁶ ... Ainda que por imposição legal, foi este o procedimento de Mem de Sá com os selvagens: tirou-os do nomadismo, reunindo-os em aldeias, onde passaram a ser catequizados, receberam o batismo e

²³ “Teus são os brasílicos reinos,/ onipotente Jesus, que com o próprio sangue os compraste/ e com morte horrenda e sofrimento indizível/ os arrancaste das garras do malvado tirano”.

²⁴ Cf. Mt. 28,19.

²⁵ “...foi, sim, o zelo abrasado/ de levar teu nome, ó Cristo, a todas as gentes,/ em qualquer clima da terra, o que moveu o régio peito/ a afrontar sendas desconhecidas, trabalhos na terra,/ ameaças no mar, e a rasgar com esquadras inteiras/ oceanos enfurecidos e dantes jamais navegados” - É evidente o subtexto paulino em “trabalhos na terra,/ ameaças no mar” (Cf. II Cor. 11,26), que paraleliza o esforço do rei português ao do Apóstolo dos Gentios.

²⁶ Cf. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi* (EN). 8. ed. São Paulo: Loyola, 1978, nº 17 a 24.

dispuseram-se a seguir as leis promulgadas pelo governador²⁷. Nestas leis está inegavelmente implícito o Decálogo e a Lei Natural: exigir que os índios reconheçam e amem o único Deus e abandonem o curandeirismo corresponde ao primeiro mandamento, “*amar a Deus sobre todas as coisas*”; obrigá-los a deixar guerras, matanças e antropofagia corresponde ao quinto mandamento, “*não matar*”; exigir a indissolubilidade do matrimônio, o abandono de orgias e bebedeiras corresponde aos sexto e nono mandamentos, “*não pecar contra a castidade*”, “*não desejar a mulher do próximo*”²⁸.

A evangelização deve comportar uma mudança de vida, o abandono de antigos costumes e deve ter um reflexo sobre a cultura. “*Importa evangelizar - não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes - a cultura e as culturas do homem.*”²⁹. Era o que pretendia, ainda que por imposição extrínseca, a sábia legislação de Mem de Sá. E quando seus subordinados lhe objetaram que era impossível mudar hábitos avoengos, tidos como “*direito racial*”, o governador lhes acena com o poder soberano de Deus:

“*Cuius opem feret opportuno tempore nobis
Dextera, Christicolas et cladibus eximet omnes!*’
*Sic ait, atque animo quod iam conceperat alto
Effecisse parat, nec vulge voce movetur.*” (vv.991-994)³⁰.

Aí está, ainda que de forma incipiente, a inculturação do evangelho, uma das metas prioritárias dos últimos documentos pontifícios e das conclusões do documento de Santo Domingo. Veja-se, a título de exemplo, o que diz o Papa João Paulo II no Discurso Inaugural da Conferência de Santo Domingo: “*Nos nossos dias torna-se necessário um esforço e um tato especial para inculturar a mensagem de Jesus, de tal modo que os valores cristãos possam transformar os diversos núcleos culturais, purificando-os, se necessário for, e possibilitando a consolidação de uma cultura cristã...*”³¹

²⁷ Cf. DG, v.1027 e seguintes.

²⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes et alii, 1993, p. 470-471.

²⁹ EN 20.

³⁰ “*Sua dextra trar-nos-á auxílio a seu tempo/ e livrará os cristãos de tamanhas desgraças*’./ Assim disse e destemido põe-se a realizar seus projetos”.

³¹ SANTO DOMINGO, CONCLUSÕES (SD). São Paulo: Loyola, 1992, p. 40.

A preocupação que transparece no *DG* de evangelizar a todo custo antecipa de certa forma o “*novo ardor missionário*” que deve caracterizar a nova evangelização³². A utopia final a respeito do Brasil, de que Cristo será o rei do universo, a quem todos adorarão, inclusive as gentes brasileiras³³, é a esperança da Igreja para o terceiro milênio, com relação a todas as nações: “*A ele pertence o futuro: ‘Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre’*” (He 13,8)³⁴.

A doxologia final do *DG* é genuinamente apostólica e é o grito alegre de toda a Igreja, de ontem, de hoje e de sempre:

*“Gloria summa tibi, Pater optime; gloria, Nate,
Summa tibi; Flamen, Gloria summa tibi!
Quae concepisti Sancto de Flamine Prolem
Aeterni Patris, gloria, Virgo, tibi! FINIS”* (vv.3055-3058)³⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1985.
2. ANCHIETA, S.J., Pe. Joseph de. **De gestis Mendi de Saa**. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1986. [Obras completas - 1º volume].
3. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Vozes, 1993.
4. JOÃO PAULO II. **Tertio millennio adveniente**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.
5. PAULO VI. **Evangelii nuntiandi**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1978.
6. **Santo Domingo, Conclusões**. São Paulo: Loyola, 1992.
7. TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. **O sirventês político: um discurso da utopia**. São Paulo: USP [tese de Pós-doutorado ainda não defendida].
8. VIEIRA, Afonso Lopes. **O poema do Cid**. Lisboa: Sociedade Editora Portugal-Brasil, 1929.
9. VIRGÍLIO, **Eneida**.

³² Cf. SD, p. 29.

³³ Cf. *DG* vv.3051-3054.

³⁴ *Tertio millennio adveniente*, nº 56.

³⁵ “*Glória imensa a ti, ó Pai bondoso; glória, ó Filho/ imensa a ti; ó Espírito, glória imensa a ti! Tu que concebeste pelo Santo Espírito ao Filho/ do Pai eterno, glória ti, ó Virgem! FIM*”